

HISTÓRIA, GEOGRAFIA E LITERATURA EM *RÉQUIEM PARA O NAVEGANTE SOLITÁRIO*, UM ROMANCE TIMORENSE DE LUÍS CARDOSO

José Luís Giovanoni Fornos⁸

As páginas de *Réquiem para o navegante solitário* (2007), de Luís Cardoso, impelem, inicialmente, o leitor a um gesto: correr para um mapa a fim de identificar a geografia diegética do romance composto. Dentre os múltiplos significados, a atitude me faz recordar a personagem Marlow, em *O coração das trevas*, que apaixonado por mapas, “passava horas olhando para a América do Sul, para a África ou para a Austrália”, pensando que quando crescesse iria a cada um dos lugares observados. Esse apetite pessoal, aparentemente neutro, pelo conhecimento geográfico, quando analisado historicamente, revela-se uma ideologia poderosa, assinalado por relações discursivas de poder entre impérios e colônias.⁹

Tal dimensão política e cultural da geografia parece não afetar Fernando Pessoa-Álvaro de Campos, em *Opiário*. Escreve o poeta: “Eu acho que não vale a pena ter/ ido ao Oriente e visto a Índia e a China./ A terra é semelhante e pequenina/ E há só uma maneira de viver.”. No romance de Luís Cardoso, antepondo-se ao sujeito poético, a idéia é a de despertarmos para o Oriente, redescobrimo-o numa perspectiva irônica e pós-colonial.

Ao aproximar a obra do escritor timorense aos efeitos da ironia, penso na paródia intertextual que, de acordo com Linda Hutcheon (1989), pode ser entendida como “transcontextualização e inversão, repetição com diferença” (p.48).¹⁰ Ao enquadrá-la no pós-colonialismo, refiro-me a um “conjunto de práticas (predominantemente performativas) e de discursos que desconstroem a narrativa colonial, escrita pelo colonizador, e procuram substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado.” (SANTOS, 2006, p. 233-236.)¹¹

Nesse sentido, ao contrário de Pessoa, tal viagem vale a pena em primeiro lugar por denunciar a violência do colonialismo europeu-asiático sobre um pequeno país chamado Timor Leste. Em segundo, vale a pena por ampliar, concretamente, os horizontes de expectativas culturais, sobretudo, porque o faz através de uma voz enunciativa, assinalada numa dupla inscrição: como oriental e como mulher.

⁸ Doutor em Teoria da Literatura pela PUCRS e professor da Universidade Federal do Rio Grande. (FURG)

⁹ Said faz um alerta fundamental ao examinar as relações envolvendo impérios, diferentes Estados e culturas. Segundo o autor palestino, “a dificuldade da questão é que não há um ponto de observação fora das relações concretas entre culturas, entre potências imperiais e não-imperiais, entre diferentes Outros, uma perspectiva que desse a alguém o privilégio epistemológico de julgar, avaliar e interpretar livre de interesses, das emoções e dos compromissos das relações em andamento.” (SAID, 2003, p. 127)

¹⁰ Na paródia, está implícito um distanciamento crítico do texto em fundo a ser parodiado e o novo que incorpora, numa distância marcada pela ironia.

¹¹ O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos afirma que a crítica pós-colonial possui “um recorte culturalista, inserindo-se nos estudos culturais, lingüísticos e literários. Utiliza-se, privilegiadamente, a exegese textual e as práticas performativas para investigar os sistemas de representação e os processos de identidade. Assim, o crítico pós-colonial deve proporcionar a interrupção dos discursos hegemônicos ocidentais que racionalizaram ou normalizaram o desenvolvimento desigual e diferencial das histórias, das nações, raças, comunidades ou povos. Para o autor, “a função do crítico pós-colonial consiste em destruir a subalternidade do colonizado”, uma vez que a condição do subalterno “é o silêncio, a fala é a subversão da subalternidade.” SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo*: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006, p. 233-236.

Em termos gerais, tem seu valor, pois expõe o enorme desconhecimento ocidental. Ou expõe o quanto do conhecimento forjado daquela geografia se nutre de representações estereotipadas, entendendo-as, conforme Bhabha, como um modo ambivalente de conhecimento e poder que “exige uma reação teórica e política desafiadora dos modos deterministas ou funcionalistas de conceber a relação entre o discurso e a política”. Para Bhabha:

Julgar a imagem estereotipada com base em uma normatividade política prévia é descartá-la, não deslocá-la, o que só é possível ao se lidar com sua eficácia, com o repertório de posições de poder e resistência, dominação e dependência, que constrói o sujeito da identificação colonial (tanto o colonizador como o colonizado). (BHABHA, 1998:106)

Graças a tais romances e a crítica pós-colonial, tais espaços são recodificados, reivindicando um novo posicionamento no concerto das relações de poder literário e político em âmbito internacional. Em um mundo que se alterou de maneira drástica, proporcionando novas consciências geográficas, pensar neste mesmo mundo a partir de um único centro de legitimação estético-cognitiva demonstra apenas o desperdício das experiências.¹² Para Said (2002):

Ao longo da história, a geografia do mundo mudou tanto que é quase impossível tentar conciliações entre história e literatura sem levar em conta as novas e complexas variedades de experiências históricas disponíveis para nós no mundo pós-eurocêntrico de hoje. (SAID, 2003, p. 225-226)

Réquiem para o navegante solitário mobiliza uma nova consciência geográfica, descentrada e multifacetada. O descentramento está no desabrochar da nova literatura e na revelação de culturas, que se cruzam, fruto do colonialismo, das migrações, das deportações e exílios, da presença de viajantes aventureiros. Tais deslocamentos proporcionam múltiplos contatos que, derivadas de extensas travessias transcontinentais, rápidas ou demoradamente vividas, dilatam a possibilidade de conhecer a diversidade geográfica do mundo.

O livro revela ainda episódios embrionários da resistência timorense ao colonialismo português. Traz a ascensão de Hitler na Alemanha e a emergência da guerra civil espanhola, assentando-se, todavia, no conflito mundial da Segunda Guerra e seu efeito sobre o pequeno país. Conflito esse que repercute na personagem Rodolfo Marques da Costa que gostaria que tal acontecimento histórico, tão distante no seu entender, permanecesse em continente europeu. O português deportado pelo autoritarismo salazarista, temeroso dos fatos situados em ambiente europeu, apresenta seu olhar sobre o país que o acolheu:

Que ninguém ousasse trazê-los para aquela ilha perdida no fim do mundo, que os governantes portugueses tão bem tinham sabido esconder da cobiça das potências, da avidez dos ricos, reduzindo-a a uma nulidade confrangedora. (p. 78)

Timor era:

Um sítio para deportados, um depósito de esquecidos, uma ilha prisão cercada pelo mar infestado de tubarões e de piratas em busca de pérolas, pedras preciosas e de gatas, donde ninguém o podia fugir. (p. 78)

¹² Para Boaventura de Sousa Santos, um dos fatores geradores do desperdício de experiências está na “edificação de impérios coloniais” que implicou na “transladação, para as colônias, dos modos de vida ditos civilizados.” Segundo o sociólogo português, “o colonialismo, forjado enquanto conceito epistêmico na época imperial, continua hoje a ser sinônimo de empobrecimento de saberes, na medida em que promove a guetização dos saberes, obliterando outras formas de conhecimento, isto é, a produção e transmissão de experiências.” (2005, p. 30)

Embora historicamente a ex-colônia portuguesa esteja marcada pelo abandono, sendo utilizada apenas como depósito de deportados e esquecidos, como destaca a personagem, o país não escapa da Segunda Guerra Mundial. É invadido por tropas japonesas. O período serve para traduzir a violência com que o Timor fora atingido. Destacam-se, em especial, dois episódios: o incêndio da casa da narradora Catarina que levou a morte Esmeralda, a filha de uma nativa que a auxiliava diariamente e o bombardeio do Hotel Salazar, espaço onde viajantes, colonialistas, exilados, mercenários, mercadores e comunistas se encontravam.

Dessa forma, de “ilha que mais parecia um navio ancorado no fim do mundo, doce encanto dos territórios do além-mar, onde nada havia para fazer e tudo estava por fazer” (p. 31), Timor será, por vezes, em sua história, violada violentamente. Basta recordar a bárbara invasão patrocinada pela Indonésia em 1975, logo após as negociações de independência com Portugal. Em 2002, o território timorense liberta-se do governo indonésio, obtendo apoio dos portugueses.

Com efeito, Timor sempre esteve ao alcance de diferentes nações. Portugal, Indonésia, Malásia, Holanda, Inglaterra, França, Japão, Austrália e China estiveram ali presentes de alguma forma. Tais contatos propiciaram ao país uma diversidade cultural e lingüística exemplar, evidenciada em *Réquiem para o navegante solitário* através das personagens quase todas vindas de um outro universo.

Nas travessias empreendidas, as constantes chegadas e partidas deram ao país um caráter multifacetado, resultado das experiências de viajantes de vindos de muitos lugares. Nessa perspectiva, a categoria do hibridismo torna-se uma condição analítica preciosa na interpretação do romance e, por sua vez, dos saberes da região.

Assim, as personagens ilustram quase sempre uma formação cultural híbrida em que despontam, conjuntamente, valores ocidentais e orientais, exemplificados, entre outros aspectos, na duplicação de seus nomes. O guerrilheiro nacionalista, conhecido por Malisera, chamava-se Adriano da Fonseca. Outras características demarcam o hibridismo identitário.

O pai da protagonista Catarina, “era um chinês do continente, convertido ao Cristianismo.” A própria Catarina tivera uma educação européia, ministrada pela esposa de um “aristocrata húngaro que, depois de ter feito várias tentativas para atravessar o oceano Pacífico numa frágil jangada, se estabeleceu nas Índias Orientais Holandesas para se dedicar ao estudo da música de Java.” (p. 12)

De acordo com a jovem, saber línguas estrangeiras, ler os clássicos, tocar piano e admirar Debussy, seria um “sortido de extravagâncias para ornamentar uma excelente carta de apresentação.” O papel adequado da mulher oriental aos anseios dos conquistadores era a perfeita união de duas culturas, escrevia, ironicamente:

A asiática representada pela pele de seda, os olhos rasgados, os cabelos pretos e a minha postura como uma deusa ou a de uma gata, e a européia entendida na forma sedutora como poetas, pintores e músicos a representam, uma bailarina dançando ao sabor da cadência das palavras sussurradas. (p. 12)

Os amantes de Catarina igualmente carregam duplas inscrições identitárias. Alberto Sacramento Monteiro, capitão do porto de Díli, era natural de Goa, filho de português. Já Geraldo Pinto Pereira nascera em Portugal, porém, desde jovem como militar-marinheiro partira para

diferentes lugares, incorporando, a cada travessia, a viagem como imperativo ético-religioso. Num episódio exemplar, marcado pela combinação de insubmissão, erotismo e culinária local, Geraldo – o novo capitão do porto – insinua-se para Catarina: “Todos os ocidentais têm fantasias acerca do oriente”. (p. 97) Disposta a estimular a frase do capitão, Catarina ensina-lhe, provocando-o: “um jantar também podia ser transformado no ponto de partida para uma viagem”. (p. 93) Misturada à malícia, à revolta e à tragédia, a frase, tal como o episódio em sua totalidade, estão carregados de ambigüidade que será desfeita no capítulo seguinte cujo resultado, frente à viagem proposta, é uma quase mortal intoxicação que vai custar a internação hospitalar, o emprego em Díli e a indignação da esposa do capitão.

Ao terceiro capitão, o que mais chamou a atenção de Catarina foram os cabelos crespos e a pele morena. Chamava-se César Semedo e era natural de Cabo Verde.

Encerradas na idéia de hibridismo identitário e cultural, estão ainda o imigrante inglês Sir Lawrence e o jovem oficial japonês Moriama. Próspero comerciante, Sir Lawrence era natural de Bengala, radicado há anos no Timor, com negócios de madeiras preciosas e farmácia, exercendo, na ausência de especialistas, as funções de dentista. Em festividades, entoava emocionado o hino inglês, com sotaque que aprimorara ao “longo do tempo ouvindo a BBC, ao ponto de ter sido referenciado pelos visitantes da ilha como o manual de bem se exprimir na língua da mãe pátria.” (p. 22) Era amante da poesia inglesa e a utilizava na presença de Catarina nas visitas da menina ao Hotel Salazar.

Tal “confusão de pertenças valeu a Sir Lawrence uma reprimenda do governo local português. A personagem passa, então, a “utilizar a [língua] tétum nos encontros com as autoridades portuguesas”. (p. 22) Com um sacerdote, elabora “uma colectânea de textos da literatura oral do Reino de Samoro.” (p. 22) O oficial japonês Moriama falava francês e malaio. Vivera em Paris e estudara na Sorbonne. Propôs à Catarina, viajar para outro lugar a fim de viver distante dos conflitos bélicos na região.

O hibridismo identitário deve ser visto como expressão da viagem, categoria imperativa dos contatos entre diferentes povos e comunidades, ainda que mediados pela imposição.¹³ Essa é a história da personagem Catarina. Ainda adolescente, viaja ao Timor para seguir um contrato de casamento com um capitão português estabelecido pelo pai. Em meio ao sonho de encontrar um príncipe encantado, acaba por tornar-se uma *Nona*, designação dada na cultura local às mulheres que servem de “companhia” aos solitários capitães que ali chegam para administrar, provisoriamente, o porto da cidade.

Em *Réquiem*, tal aspecto é significativo, pois se trata de um tema recorrente nos textos produzidos na literatura local. A diferença está em que no romance de Cardoso tem-se a voz de uma

¹³ Em *O pensamento mestiço*, Serge Gruzinski traz uma série de questões acerca da mestiçagem cultural, isto é, do hibridismo que são importantes para avaliar o valor da categoria historicamente. Eis os questionamentos do autor: “Por intermédio de qual alquimia as culturas se misturam? Em que condições as culturas se misturam? Em que circunstâncias as culturas se misturam? Segundo quais as modalidades as culturas se misturam? Em que ritmo as culturas se misturam? Tratamento dado ao tema da mestiçagem pela antropologia, pela sociologia, pela história e pela literatura. O autor opta pelo olhar do historiador.

As misturas resultantes da expansão colonial expressam uma reação à dominação européia? As misturas são repercussões da dominação européia e até mesma uma forma astuciosa de enraizar nossos costumes no seio das populações subjugadas? Até que ponto uma sociedade ocidental pode tolerar a eclosão proliferante de expressões híbridas? Que sentido, que limites e que ciladas se escondem na metáfora tão cômoda da mistura? Como se desenvolve um pensamento mestiço? p.20-21 (GRUZINSKI, S. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.)

nona, subvertendo, parodicamente, os escritos sobre o assunto, uma vez que este é perspectivado pela voz masculina colonial portuguesa.

Daí a importância do relato de Catarina que se divide entre a memória de um “tempo em brasas” e o desejo de concretizar um amor, idealizado nos sentimentos de companheirismo e paixão mútuos. Aos dois tempos – o histórico e o pessoal; o objetivo e o subjetivo - acumulam-se violências e derrotas, incorporadas por uma sensibilidade irônica que, embora questionadora, se entrega permanentemente ao outro, na tentativa de alcançar seu objetivo, não desistindo jamais da esperança.

Todavia, Catarina, como as demais personagens, está afetada por um território instável, em constante situação de colapso econômico e repressão política.

Diante da precariedade, da transitoriedade e da fluidez, advindas das chegadas e partidas dos homens, alimentadoras do híbrido cultural, Timor guarda também resíduos da violência política empregada pelo regime em Portugal.

Neste caso, sobressai-se o Hotel Salazar, local onde residem, entre outros, membros da oposição portuguesa, exilados pelo Salazarismo. Um deles é o comunista Rodolfo Marques da Costa, gerente do hotel e confidente de Catarina, acusado de ter comandado um atentado à bomba contra um hotel no Rossio.

Destaca-se ainda a figura de Joaquim António Pereira, membro da Legião Vermelha, conhecido pela alcunha de Béla Kun. Este “havia sido deportado para Guiné e depois Timor, após um atentado ao Comissário Geral da Polícia de Segurança Pública, em Ferreira do Amaral.” (p. 26)

Soma-se às duas personagens, a figura de Malisera, espécie de rebelde nacionalista que pretende libertar o país do colonialismo. Em confissão à Catarina, diz chamar-se Adriano da Fonseca. Em torno da personagem, pairam variadas versões, embaralhando sua real identidade. Na visita que realizou ao rebelde, no Monte Manumera, Catarina faz o seguinte registro:

Dele conheciam-se histórias estranhas e outras atitudes menos elegantes. Tinha mal feitio e birras de príncipe encantado. Se não fizessem o que ele queria, ameaçava abandonar cada um à sua sorte. Ouviam-se algumas queixas sobre o seu mau comportamento com as filhas dos seus súbditos. Rumores que corriam de boca em boca e em surdina atribuíam-lhe a paternidade de muitas crianças das aldeias. Nada que outros não tivessem feito, autoridades tradicionais e coloniais, em nome de uma protecção que nunca passou de uma ficção bem urdida para melhor controlar os locatários. Ninguém ousou negar as suas qualidades. Não se deixou amansar pelas autoridades coloniais, apesar das promessas de benesses e de outras mais valias que prometiam dar-lhe em troca da sua rendição, como título honorífico de coronel de segunda linha, com direito a pensão vitalícia e cada posta. E ainda uma visita à metrópole com despesa e estadia pagas, num desses navios de longo curso com cama e serventia. (p. 65)

Ao encaço das três personagens, consta o agente de polícia José Antonio Lavadinho que “fora enviado para o Timor para lhes morder os calcanhares, o corpo, a cabeça, a mente e por fim a alma, para que ficassem despojados de Deus, da pátria, da família, de identidade.” (p. 26)

Em relação ao Malisera, Lavadinho, a fim de valorizar o seu trabalho policial frente às autoridades do regime colonial, encena a prisão do nacionalista, simulando-a.

Malisera recebe o apoio de Madalena, empregada de Catarina e figura em destaque na configuração da identidade timorense. Além de projetar o assassinato de um dos capitães amantes de Catarina, conhece as narrativas da tradição oral da região, chave de leitura da obra de Luís Cardoso, assinalada pelo encontro literário europeu e os mitos e ritos da Ilha.¹⁴

Nota-se que Catarina acaba por talhar sua personalidade, dividindo-a entre o querer partir e o ficar. Inspirada, inicialmente, no livro *A la Porsuite du Soleil*, escrito pelo navegante francês Alain Gerbault que carrega consigo desde sua saída da Batávia, atual Jacarta, a jovem indonésia assiste à possibilidade por em ação tal paradigma.

Ao final do romance, a chegada a Díli do navegante solitário francês, ativa-lhe novamente a idéia da viagem. No encontro com o viajante, a ficção cruza com a história. Tal entrecruzamento ocorre quando Catarina se refugia na embarcação do navegante.

A morte do navegante francês em 16 de dezembro de 1941 põe fim outra vez ao sonho do príncipe encantado. Em meio aos bombardeios da guerra, é convidada a partir pelo invasor japonês Moriama. Desiste da ideia tantas vezes almejada quando, nas noites estreladas da ilha, na varanda de sua casa, amparada por um candeeiro, – farol – sonhava com a chegada de seu príncipe que a conduziria a fabulosos lugares distantes.

A absoluta dissolução do território timorense não a impedem de permanecer, encorajada por um único desafio: reencontrar o filho Diogo, sequestrado na noite em que jantara com o capitão Geraldo Pinto Pereira, apostando no amor do viajante. Ao final, Catarina opta, numa íntima decisão, a ideia de ficar na esperança de que a terra lhe traga de volta o que perdera, vislumbrando nesse sonho, a ideia do enraizamento com o lugar, simbolicamente marcado na união familiar com o filho nascido no Timor. Ao optar por tal desfecho, o belo romance de Luís Cardoso funda simbolicamente um novo país, assentado nas relações históricas e culturais.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CARDOSO, Luís. **Réquiem para um navegante solitário francês**. Lisboa: Dom Quixote, 2007.
- CONRAD, Joseph. **O coração das trevas**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**. Lisboa: Edições 70, 1989.
- PESSOA, Fernando. **Álvaro de Campos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio** e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____. (org.) **Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- TUTIKIAN, Jane. **Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.

¹⁴ Ao analisar os romances de Luís Cardoso, Jane Tutikian menciona o caráter híbrido da obra do autor timorense, evidenciando a presença de duas culturas: a local e a européia. Segundo a estudiosa, a literatura de Cardoso resgata todo o universo animista que caracteriza as antigas colônias portuguesas, com sua tradição, com seu folclore, com seus mitos, com seus ritos. Mas, há mais: há o encontro entre duas culturas, a mítica (da ilha) e a racional (européia), há o legado oferecido por Lisboa, Compostela ou Sidney, abrindo-se para a hibridação.”(p.134) (TUTIKIAN, J. *Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.)